



INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS: O PROCESSO CRIATIVO E A APLICAÇÃO DA METODOLOGIA NO ENSINO MÉDIO DA EEM POLIVALENTE ADAUTO BEZERRA EM CRATO - CE

Marco Aurélio Siebra de Melo ¹

Emerson Ribeiro ²

Cassio Expedito Galdino Pereira ³

Resumo: Ensinar requer estar em busca de novas metodologias com a proposta de tornar o processo de ensino e aprendizagem um ato construtivo. Dessa forma, este trabalho tem a proposta de obter novos elementos para formação de professores com a pretensão de mostrar como a Geografia pode encontrar na Arte através da construção de instalações e performance geográfica para serem metodologias avaliativas no processo de ensino aprendizagem. Para realização desta pesquisa foi necessário o estudo de caso em sala de aula na EEM Polivalente Adauto Bezerra, buscando-se compreender como trabalhar de forma criativa e artística na aula. Dessa forma, seguindo os passos metodológicos da instalação geográfica de Ribeiro (2014), a escola vem desempenhando seu papel socializador, seja na relação professor-aluno, na transmissão de conteúdo, na veiculação das crenças e valores, na organização do espaço escolar pelos agentes gestores e nas rotinas do cotidiano escolar, partindo da teoria em sala de aula ou a campo e desta para a prática.

Palavras-chave: Instalações Geográficas; Avaliação; Ensino; Criatividade; Geografia.

1. Introdução

Toda aula antes de ser ministrada aos alunos passa antes pela imaginação do professor(a). Isso faz com que a criatividade seja um dos exercícios mais praticados no processo de desenvolvimento do planejamento pedagógico. O processo de criação das atividades à serem desenvolvidas com os alunos(as) é um ato contínuo no cotidiano do professor(a), pois a criatividade deste está diretamente relacionado com a maneira que percebe e interage com o espaço vivenciado e produzido na escola como espaço educacional, assim, como na/da comunidade do entorno, a qual influencia as medidas socioeducativas a serem adotadas pela gestão escolar (Silva, 2020). Neste sentido, compreende-se que a aula não se resume apenas ao espaço confinado das quatro paredes do que é concebido como sala de aula. O aluno não vivência apenas o espaço da sala de aula, a escola é um espaço que ainda necessita ser contextualizado no cotidiano das pessoas que vivenciam esse ambiente nos diversos níveis que compreendem suas atividades. A partir desta perspectiva, Ribeiro

1 Universidade Regional do Cariri, email: marco.siebra@urca.br

2 Universidade Regional do Cariri, email: emerson.ribeiro@urca.br

3 Universidade Regional do Cariri, email: cassio.expedito@gmail.com



(2014) afirma que “a escola é um espaço polifônico”, o que dá a dimensão da relação social do ambiente escolar com o ponto de vista artístico da harmonia musical, possibilitando distinguir a potencialidade dialética do processo ensino aprendizagem vivido e sentido no espaço Geográfico da escola dos barulhos ensurdecedores do ensino bancário que, segundo Paulo Freire (1996), transfere apenas informação para o aluno, anulando toda potencialidade didático pedagógica e reproduzindo a prática apenas pela prática, precarizando o processo de ensino aprendizagem.

Nesta perspectiva, é factível que o aluno enxerga o ambiente escolar como um lugar de obrigação social ao invés de um espaço de desenvolvimento pessoal e social. A motivação do aluno(a) está voltado para os momentos efêmeros das emoções instantâneas alienadoras, como as produzidas pelas redes sociais. Por isso, corroboro que “quando se trata de motivação, é importante compreender, por um lado, que é papel do professor orientar, direcionar e intervir nos motivos dos alunos, realizando a mediação didática.” (Libâneo, 2009 apud Cavalcante, 2010).

A partir disso, é compreensível que o professor(a) se depare com alunos extremamente alheios aos assuntos discutidos durante as aulas devido ao alto nível de desconcentração motivados pelo consumo demasiado de produtos alienantes, como principal exemplo as redes sociais digitais através do uso excessivo de telas. São nestas perspectivas que as possibilidades da relação dialética professor/aluno são constituídas e afetadas pelo caminho guiado nos/dos conceitos geográficos proporcionando a ampliação da percepção dos sentidos ao ponto de começar a enxergar as realidades no/do seu entorno a partir da relação entre as atividades vivenciadas e produzidas nos mais diversos níveis no lugar. Desse modo, é possível compreender que a imaginação/criatividade seria o limite para o processo didático pedagógico no ensino de geografia, mas a realidade escolar apresenta-se como limitador deste processo, através da precarização estrutural do ensino público no país (Giroto, 2012).

É importante destacar que, por mais que o mundo segundo Milton Santos (1996) seja globalizado em meio a um sistema técnico científico informacional, é evidente a precarização da estrutura de ensino público no país, desde o ensino básico ao nível superior. Com isso, os professores do ensino público lutam contra a escassez de recursos tecnológicos e/ou analógicos que possibilite a criação de dinâmicas capazes de possibilitar o interesse dos alunos em meio ao bombardeamento de informações através do uso excessivo de telas, o que, por sua vez, tem causado vícios compulsivos e sintomas semelhantes aos transtornos mentais, tornando mais difícil compreender e atender as demandas mentais/emocionais que não possui laudo médico para orientar a melhor forma de conseguir incluir o aluno no processo de ensino aprendizagem. A arte proporciona o meio com alto nível de potencialidade para que o aluno(a) seja capaz de aprender a “ler o mundo” segundo o que Callai (2005, p. 228 e 229) explica a seguir:

Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou



pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos). Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola. (Callai, 2005).

Partindo do entendimento sobre o papel da geografia na escola, é possível utilizar, com efeito comparativo, a arte com o papel semelhante ao da geografia na escola, na perspectiva do processo de “aprender a ler o mundo” a partir de uma interpretação que expresse de forma significativa a relação vivenciada pelo aluno(a) na escola. Entendendo esse como ambiente científico e no meio onde reside e passar a perceber as relações associativas dos conceitos apreendidos em sala de aula com a produção do espaço vivido, urge rever metodologias críticas e criativas para o ensino, como as instalações. Segundo o professor Emerson Ribeiro (2014), consiste no processo de materialização do conhecimento científico crítico geográfico apreendidos em sala de aula, através da representação artística das instalações e/ou performance que culmina em um produto carregado de elementos simbólicos, que denotam o entendimento e a relação vivenciada pelo aluno no meio o qual o mesmo está inserido, sobre os conteúdos discutidos dialeticamente durante o bimestre. As instalações geográficas são a materialização de relação pedagógica do ensino com a vida, possibilitando o professor trabalhar temas cotidianos e(m) conteúdos para chegar aos conceitos científicos.

2. Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo analisar novos elementos para formação de conceitos aos alunos da EEM Polivalente Adauto Bezerra com a construção de instalações geográficas e performances que potencializem o processo de ensino e aprendizagem e avaliação na disciplina de Geografia.

3. Metodologia

Para alcançar os resultados dessa pesquisa, primeiramente foi necessário fazer uma revisão bibliográfica sobre arte e geografia, metodologias de ensino, criatividade e formação de conceitos. Em seguida, foram feitos os primeiros contatos com a EEM Polivalente Adauto Bezerra, apresentando a metodologia da pesquisa e a proposição das instalações geográficas para a professora de Geografia. Nesse sentido, foi escolhido trabalhar com a turma do 3º ano. A partir disso, tomando como base os passos metodológicos de Ribeiro (2014), foi selecionado o conteúdo de globalização e lugar para materializar nas instalações. Nesse sentido, foi estruturado aulas teóricas para trabalhar o tema, ao mesmo tempo sendo pensado o material base, que foi lata de cacimba. Com uma abordagem qualitativa do processo de ensino e aprendizagem, propiciando a construção das potencialidades cognitivas do raciocínio crítico, serão proporcionados que essa turma busque objetos que materializam signos e símbolos do conteúdo. Neste sentido, durante



nas aulas ministradas estão sendo orientados aos alunos a potencialidade de enxergar além do que é visível nos objetos escolhidos para representar os conceitos abordados em sala e/ou capturados em campo. O método de análise é o materialismo histórico dialético marxista, na intenção de superar as limitações críticas dos alunos através da arte como meio de produção desalienante.

4. Resultados

Os resultados são preliminares, pois a pesquisa do presente trabalho está em processo de desenvolvimento, seguindo o calendário educacional bimestral da instituição de ensino médio a qual está sendo aplicada a metodologia das instalações geográficas como avaliação do processo de ensino aprendizagem na disciplina de geografia. Deste modo, resultados definitivos só serão possíveis após processo de construção das instalações geográficas ao final do bimestre, materializando o aprendizado sedimentado em sala de aula e campo realizados ao longo do bimestre, seguindo o roteiro sugerido pela BNCC como caminho para ampliação das competências e habilidades cognitivas dos educandos(as). No entanto, é possível apreender de forma preliminar que os alunos tornam-se participativos quando são postos como protagonistas do processo de construção do seu próprio conhecimento ao compartilhar de forma dialética as vivências cotidianas, que antes não eram percebidas do ponto de vista crítico, pois ainda não haviam sido percebidas, pois é evidente a intensidade da alienação sofrida pelos alunos(as) no espaço produzido para e por eles(as), constituindo os entornos do ambiente escolar.

5. Conclusão

A expectativa dessa pesquisa é que os(as) jovens está relacionada diretamente na (in)capacidade de expressar as emoções sobre as dificuldades de absorção dos conceitos geográficos apresentados em aula. Por este motivo, a arte através do processo criativo das instalações tem proporcionado subsidio necessário para alcançar uma comunicação dialética de forma eficiente ao ponto de conseguir preencher lacunas crítico cognitivas da aprendizagem no Ensino de Geografia.

6. Agradecimentos

Aos integrantes do Laboratório Quatro Elementos, que potencializam através do convívio e grupo de estudos a possibilidade de pensar criativamente. A professora Ruth Rocha e ao professor Carlos Jeferson, bem como a comunidade escolar da EEM Polivalente Adauto Bezerra, por proporcionar o ambiente necessário para o desenvolvimento das atividades da pesquisa em sala de aula. Aos meus amigos e professores Carlos Augusto, Cássio e Antônio Marcos, por todo o incentivo e paciência com orientações e indicações de leituras que engrandeceram ricamente o desenvolvimento deste trabalho. Em especial a minha esposa Maria Fagna e a minha filha Maria Clara, por serem minha maior motivação para tudo nessa vida.

7. Referências



CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais, Belo Horizonte – MG, novembro de 2010.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo – SP, Paz e Terra, 1996.

RIBEIRO, Emerson. A arte e criatividade em Geografia. Crato – CE, URCA, 2016.

RIBEIRO, Emerson. Processos criativos em instalações geográficas e Pedagógicas. Sobral – CE, Sertãoocult, 2023.

SANTOS, Milton. Técnica, Espaço e Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo – SP, EDUSP, 1994.